



introdução

A LITERATURA E O NOSSO COTIDIANO: UMA INTRODUÇÃO PARA A ALETRIA

Graciela Inés Ravetti de Gómez (*in memoriam*), pela Universidade Federal de Minas Gerais (Faculdade de Letras, CNPq e Fapemig), e Kátia Bezerra, pela University of Arizona (Department of Spanish and Portuguese), foram as idealizadoras deste dossiê, programado em um encontro no ano de 2020.

As pesquisadoras planejaram, após chamada aberta e mediante convocação de pareceres duplo cegos, uma coleção de textos que discutissem, ao longo dos anos, o espaço público, suas alterações morfológicas e funcionais e as decorrentes mudanças de usos e significados que se fazem dele.

Investigadoras argutas, estavam sintonizadas com pautas contemporâneas, entre elas, as respectivas origens dos variados espaços públicos; os motivos de sua existência; as formas de enfrentamento que eles acolhem e a renovação, revitalização, rejeição ou mesmo destruição de tais locais sociais de uso comum nas cidades, bem como as demandas mais urgentes em torno deles. Desse modo, ambas se puseram no encalço de mapear os rumos, as contradições e os modelos de territorialidades e espaços de inclusão e exclusão, com o firme propósito de pensar, academicamente, sobretudo na literatura e nos estudos culturais, o que são e para que servem as praças, os parques, os memoriais, os sepulcrários – espaços públicos constituídos tradicionalmente como lugares de sociabilidade, denúncia, repouso e memória.

Ao delinear o tema, antes mesmo do alastramento da covid-19, as organizadoras, de modo quiçá profético,

compreendiam estes espaços como lugares de ação cidadã necessários à vida coletiva. Por conseguinte, vislumbrava-se no projeto do volume, com clareza, a eficácia, o perigo e o drama das aglomerações, que futuramente seriam contidas e limitadas por meses a fio em obediência a medidas sanitárias.

Tais espaços plurais, com a pandemia, foram abruptamente esvaziados, para, nas etapas seguintes ao impacto destrutivo inicial e ao período de fechamento total, ganhar, paulatinamente, um novo e rico significado, a partir da atuação de atores políticos que se associaram para clamar pela retomada, de maneira inédita, de questões profundas envolvendo as noções mais radicais e primeiras de cidadania, pertencimento e democracia. Esses locais de debates acalorados são atravessados por tensões que apresentam o risco de exacerbar a alienação e de suscitar divisões, mas que podem, igualmente, catalisar formas criativas de expressão cultural, modos de conhecimento e experiência. Eis, portanto, o mote do número que aqui se apresenta no periódico *Aletria*.

Com tais inquietações se iniciou o dossiê: sonhado para refletir e analisar o que vem a ser, nos contextos culturais mais variados, o acolhimento (ou não) de um fluxo massivo de “diversos”, imigrantes, refugiados, minorias que circulam, provocam-nos e se movimentam frente ao *establishment*.

E de repente, não mais que de repente, nossa valente Graciela Inés foi chamada para uma ação única e incontornável: viver a passagem, cruzar o grande rio, superar a matéria. Ela que desenvolvia, no CNPq, pesquisa sobre o *realismo performático reflexivo* na narrativa de ficção da segunda metade do século XX e das primeiras décadas do século XXI, viu-se, na narrativa real vivida, diante da performance inevitável de todos nós.

Graciela partiu em 23 de março de 2021, e toda a comunidade científica brasileira se ressentiu disso. Não a pudemos velar, nem chorar; no entanto, nós a amávamos pelo que era e pelo modo como se relacionou conosco. E Graciela não foi apenas a notável pesquisadora consolidada entre acadêmicos do Brasil e da Argentina, na América Latina, e, em âmbito internacional, de parte da Europa e dos Estados Unidos. Não, ela foi grande também entre os menores: graduandos, iniciantes nas pesquisas, assistidos pela Fundação Universitária Mendes Pimentel, funcionários mais ou menos especializados, contratados (os chamados

“terceirizados”), estagiários e *trainees*, enfim, todos os que formam o “um” da comunidade da Faculdade de Letras – a Fale – UFMG.



Foto do arquivo pessoal de Graciela Ravetti, cedida por Cecilia Gómez Ravetti.

Nascida na província de Santa Fé, Argentina, na pequena Tostado, Graciela esteve entre nós desde o início dos anos 1990. Para sermos mais exatos, ela prestou concurso em 1992, quando assumiu a função de Professora Associada. Seguiu todas as etapas de uma carreira sólida, tornando-se Professora Titular em 2011. Trabalhou em quase todas as funções administrativas compatíveis com as de um professor da Fale: chefe de departamento, coordenadora de pós-graduação, representante junto a diversos órgãos na reitoria, supervisora no Centro de Extensão e, por duas vezes, foi eleita diretora.

Cumpriu seus deveres com zelo, perspicácia, seriedade, garra, elegância e discrição. Contribuiu efetivamente para o desenvolvimento do ensino e da pesquisa no país que adotou, e nunca sequer nos lembrávamos, ao lado dela, das famigeradas disputas históricas dos brasileiros com os irmãos argentinos.

Deixa um legado acadêmico, administrativo, científico, pedagógico e afetivo da estudiosa incomensurável. Leitora contumaz, ela nos lia (no suporte em papel e em carne e osso), discutia conosco, apreciava e refutava o trabalho alheio. Enfrentou com serenidade a ocupação estudantil de 2016, negociou com pulso forte e superou os conflitos. Durante sua temporada como coordenadora na Pós-Graduação em Letras – Estudos Literários, Graciela leu – somos testemunhas disso – todas as teses e dissertações ali produzidas no período, demonstrando curiosidade e humildade intelectual, interesse pelos colegas e alunos e respeito pelo conhecimento ali produzido, demonstrando, dia a dia, abertura à diferença, sentido de responsabilidade e espírito democrático e dialógico.

Tudo isso está longe de ser, meramente, derramamento de afeição, mas uma espécie de tristeza agradecida pela passagem de uma formidável colega e interlocutora.

Em sua contribuição acadêmica para a área de estudos culturais e hispano-americanos no panorama investigativo nacional e internacional, destacamos alguns *insights* produtivos e criativos. Graciela inaugurou entre nós a investigação de um tipo de escrita literária particular na América Latina contemporânea que qualificou “performática e catacrésica”, e demonstrou que em nossa literatura há um pendor, ou melhor, uma “vocação de serviço” para a abertura de novos “eventos” e para uma “violência designativa contra os códigos hegemônicos de denominação que acabam resultando em processos de dominação.” (RAVETTI, 2011, p. 13). Ravetti (2011) percebeu, com heurística literária própria, que nós, latino-americanos, transgredimos, tanto na ação literária quanto na teórica, ao não utilizar o *verbum proprium* para a designação dos eventos tratados (daí a catacrese: servimo-nos das metáforas e violentamos os códigos hegemônicos) e, dessa forma, *atuamos, performatizamos* a nossa sublevação; alargamos os limites estabelecidos para dominar a realidade. Acolhemos a experiência de ser leitor, artista e pensador às margens e saltamos as barreiras de poder que nos foram impostas. O todo se faz representar pela parte, o restrito age pelo mais lato. Já na ocasião da redação de suas reflexões, há dez anos, percebe-se a sua preocupação, sempre crescente, com as leis que regem a arte literária inserida na urgência do cotidiano das pessoas, nos fatos locais e mundiais, e suas repercussões na sociedade, na arte e na cultura hispano-americana.

Em 2016, Ravetti se debruçou sobre a performance ética na arte e no romance. Em artigo intitulado “Adolfo Bioy Casares: *Dormir al sol*, a ficção biomédica como performance ética”, ela discute a responsabilidade de atos concretos no dia a dia do cidadão comum (um bancário que se tornou relojoeiro e de suas desavenças com a esposa), que a seu ver, superam a indagação conceitual sobre o que é e o que viria a ser – ou não ser – o bom. Assim, o cenário do romance epistolar *Dormir al sol* (1973), lhe serve para discorrer sobre as forças sócio-históricas (e afetivas) que atravessavam a Argentina e o mundo de Casares. Ravetti (2016) se pronuncia sobre o tema claramente: “Acredito que é uma tarefa obrigatória da crítica dar uma resposta na mesma tessitura, dada a obviedade e a força da imposição moral, emocional e afetiva que o ato ético implica, além de que a energia criativa que esse tipo de performance produz redundante em proposições formais novas e originais.” (Ravetti, 2016, p. 161). Mas é com um parágrafo primoroso, que poderia se encaixar muito bem em nossas discussões atuais impostas pela covid-19 e pelas perdas inevitáveis, que fornecemos um “aperitivo” da qualidade criativo-teórica de Ravetti (2016). Aliás, o artigo todo ser-nos-á bastante útil em 2021, cinco anos após sua escritura, reafirmando assim a “responsabilidade para o amanhã” (RAVETTI, 2016, p. 174). Recordá-lo é um convite para a leitura do texto completo, uma discussão complexa e aprofundada sobre a literatura de Bioy Casares, a ética e os mecanismos de poder manifestos no texto e seus possíveis efeitos nas nossas ações mais ordinárias:

Na ficção biomédica de Bioy Casares encontramos uma combinação de biologia e tecnologia, ética e estética, que utiliza elementos peculiares e inusitados, entre os quais se sobressaem as referências à literatura e à arte em geral – quase sempre veladas – e às possibilidades futuras de uma engenharia médica em choque com as pretensões, humildes e delicadas, dos seres humanos em suas facetas mais triviais e corriqueiras, em seus desejos e pretensões de trabalhar e sobreviver na sociedade contemporânea. Ao contrário de outras linhas da ficção científica, a ficção biomédica de que falamos aqui não se interessa por tecnologias de informação, por mundos paralelos, por mecanismos horrorosos, e sim pela biologia e por procedimentos pseudomédicos, enfocando indivíduos em perigo de serem sacrificados com o alibi do aprimoramento, não por adição de partes mecânicas ou por processos de robotização, mas por misteriosos procedimentos e secretas cirurgias mirabolantes que

conseguem achar, extirpar e deslocar almas e corpos. A questão ética aparece nítida em *Dormir al sol*: o amor como uma força impossível de explicar racionalmente e não amarrada a conveniências de nenhum tipo; o ofício manual e artesanal amorosamente realizado ainda que não valorizado socialmente; a beleza de permanecer em territórios desconhecidos no que se refere às relações humanas marcadas pela alteridade e que exigem abnegação para dar certo; o desenho de um espaço de enunciação humilde e marginal para o narrador no mundo narrado – embora central na narrativa – e cujos intentos de viver em paz podem em boa medida soar ridículos no clima de desconfiança e incompreensão geral. (RAVETTI, 2016, p. 169)

Ao fim sabemos que o que de fato interessa à investigadora é perscrutar a “impossibilidade de compreensão e diálogo entre as pessoas que convivem em uma comunidade e as diversas maneiras de pensar a noção de colaboração, tanto no sentido de ação em conjunto, quanto o de cumplicidade.” (RAVETTI, 2016, p. 175)

Em “Literatura latino-americana contemporânea: reflexões sobre paradigmas, convergências e legados”, Ravetti (2019) se volta para a questão do realismo na literatura ao se dedicar à análise de obras que expandem o que ela denomina “paradigma-Bolaño” – uma clara referência à obra inovadora de Roberto Bolaño. A produção estudada nos remete à noção de um realismo performático reflexivo constituído a partir do entrelaçamento de três dimensões: a atividade da leitura, dos escritos e do leitor. Como adverte Ravetti (2019), o autobiografismo que interliga esse *corpus* literário se caracteriza pela presença do “tema do fracasso das buscas, com os heróis marginais e os sobreviventes do sistema”, que convidam o leitor a repensar a sociedade em que vive.

Em “A Río Fugitivo de Edmundo Paz Soldán: uma cidade distópica”, Graciela Ravetti e Eulálio Marques Borges (2020) examinam a questão da distopia no *cyberpunk*, um subgênero da ficção científica. A análise se volta para a cidade fictícia de Río Fugitivo, em que o processo de modernização dá origem a uma estrutura hierárquica e autoritária que acentua ainda mais as desigualdades sociais. Como tão bem colocam os autores, as obras de Edmundo Paz Soldán se apropriam de algumas características do *cyberpunk*, mas seus textos se concentram mais no presente do que no futuro, levando-nos a enfrentar questões pertinentes à nossa contemporaneidade como as noções de democracia e justiça social.

O que se pode perceber nos vários trabalhos publicados na última década por Ravetti, além dos que aqui mencionamos, é a constante preocupação em propor novos paradigmas de leitura concebidos a partir de uma visão pluralística, aberta, ética e multifacetada da sociedade em que vivemos. Seus textos críticos remetem o leitor a uma infinidade de vozes e perspectivas, emoções e experiências, instituindo um universo em que nossas certezas são constantemente questionadas.

Espaço urbano: trabalhos panorâmicos e detalhes do cotidiano

Nos últimos anos, tem se falado muito sobre a complexidade de termos como “espaço” e “lugar”, que vão além de binarismos como público x privado, urbano x rural, global x local. Como nos lembra Doreen Massey (1994), um espaço não é simplesmente uma paisagem para ser desfrutada, admirada ou fotografada, mas se constitui a partir de um emaranhado de formas complexas de posicionamento e significados marcados por relações de poder e de exclusão. Por esta razão, Henri Lefebvre (1991, p. 37-40) afirma que os significados atribuídos ao espaço urbano são o resultado de uma intrincada rede de interações entre a estrutura física do espaço urbano e as distintas percepções e usos da cidade delimitados por seus planejadores e habitantes. Lefebvre (1991, p. 142-149) insistia na centralidade da vida cotidiana na reprodução do capitalismo não apenas no nível macroinstitucional, mas também por meio da imposição de convenções sociais, práticas cotidianas e um senso comum. Michel de Certeau (1984, p. 97-98) também correlaciona as rotinas da vida cotidiana a um processo de territorialização e apropriação da cidade. Para de Certeau (1984), as práticas do cotidiano produzem e transformam os espaços, abrindo a possibilidade de formas contra-hegemônicas de interpretação e apropriação do espaço urbano.

As críticas à produção e aos usos do espaço urbano têm gerado as mais diversas discussões, suscitando a emergência de estudos que se voltam para uma análise do processo de gentrificação e da militarização das cidades, e para questões de imigração e diversidade cultural, para citar apenas alguns casos. Uma linha de reflexão sobre as cidades é o trabalho de David Harvey (2007), que se concentra sobretudo no papel das cidades como unidades de produção do capital. Ao agregar a dimensão geográfica-espacial aos domínios histórico-temporal do pensamento marxista, Harvey (2007) reforça a interconexão entre

espaço, lugar e capital. Pesquisadores como Sharon Zukin (1995) se devotam mais especificamente à correlação que se estabelece entre os símbolos culturais e o capital na configuração do espaço público. Em seus estudos, Zukin (1995) afirma que a cultura deve ser percebida como uma tecnologia poderosa que procura impor normas e práticas sociais baseadas na lógica do consumo e do lucro. Como argumenta Zukin (1995), o desaparecimento das indústrias e a necessidade de atrair investidores e turistas fez com que a cultura ocupasse um papel gradativamente mais proeminente num mercado global cada vez mais competitivo.

A percepção de lugar como um local onde múltiplas redes de poder se cruzam tem sido central para estudiosos interessados em entender a relação entre lugar e espaço com questões de gênero, raça, etnia, sexualidade e classe. Em *Space, Place and Gender*, Doreen Massey (1994, p. 179) discute a forma como as construções espaciais de gênero refletem e afetam a forma como o gênero é construído e compreendido, limitando as possibilidades de inserção das mulheres na força de trabalho e na vida pública. Ao se referirem à divisão entre a esfera pública (masculino) e a doméstica (feminino), teóricas como Gillian Rose (2003, p. 5, 15) advertem que a esfera doméstica deve ser considerada como “o produto de relações que se estendem para além do lar”, uma vez que procuram delimitar os espaços de atuação da mulher.

Conforme discutido por vários estudiosos, as diferenças socialmente construídas na produção/percepção do espaço dão origem a várias formas de exploração, de desigualdade, de discriminação e de invisibilidade. Um desses casos é o processo de racialização do espaço que obriga certos segmentos da população a uma constante luta contra o racismo, a segregação e exclusão social. bell hooks (2008), por exemplo, se refere à sua trajetória de vida pessoal para demonstrar como o espaço ajudou a moldar sua identidade e afetou sua noção de pertencimento e deslocamento. Seu livro *A Culture of Place* convida o leitor a refletir sobre as complexidades da vida e as dinâmicas de poder presentes em encontros muitas vezes tidos como casuais e inocentes. Essas mesmas dinâmicas são centrais para grupos LGBTQ+. Como Gill Valentine (1993, p. 411) insiste, apesar de algumas vitórias e da presença de leis que tentam proteger os grupos LGBTQ+, a (hetero) sexualização dos espaços faz com que muitos indivíduos tenham medo de revelar sua orientação sexual na esfera do trabalho e/ou pessoal.

Nesse contexto, surge também uma série de estudos que explora as relações entre os administradores da cidade, o capital e as populações. No caso da cidade de São Paulo, por exemplo, apesar da existência de diversos regulamentos que visam a estabelecer as diretrizes sobre o uso e a ocupação do solo como um instrumento de garantia do direito à cidade de todos os cidadãos, os espaços públicos têm se tornado uma parte central de um processo de especulação imobiliária. Em “São Paulo à venda: ultraneoliberalismo urbano, privatização e acumulação (2017-2020)”, Gustavo F. T. Prieto e Patrícia Lacznski (2020, p. 16) exploram os efeitos políticos, sociais e econômicos dos processos de privatização mais recentes na capital paulista. Ao examinarem o programa de concessão criado pelas autoridades municipais, os autores concluem que a prioridade tem sido dada ao setor privado (financeiro, imobiliário, de serviço e informação) em detrimento das necessidades de uma parte significativa da população local, muitas vezes alijada das esferas de decisão.

Conscientes de que a pesquisa na área dos estudos urbanos é muito mais complexa do que estas poucas páginas podem abarcar, esse sucinto inventário nos dá uma ideia de algumas das formulações teóricas contemporâneas sobre o espaço urbano. Formulações que nos remetem para o presente volume. Embora os ensaios aceitos para publicação variem quanto ao método e estilo, os autores enfocam o espaço dimensional da experiência humana. Em todos os trabalhos, a ênfase recai na forma como certas narrativas procuram redefinir os códigos de diferença e pertencimento, provocando a reordenação dos regimes de visibilidade.

É o caso de “Espaço, memória e cultura: trânsitos narrativos em Paulo Lins e Nei Lopes”, de Paulo Cesar Silva de Oliveira. O ensaio investiga a relação entre espaço, memória e cultura nos romances *Desde que o samba é samba*, de Paulo Lins, e *A lua triste descamba*, de Nei Lopes. O ensaio se detém na forma como as obras procuram reconstruir o mapa cultural, racial e geográfico da cidade do Rio de Janeiro a partir da “reelaboração das formas culturais do passado”. Ao se deter no samba e nos fluxos migratórios para os subúrbios cariocas, o ensaio aponta o papel fundamental dos romances na reconstrução de uma dinâmica urbana marcada por um alto grau de diversidade racial, cultural e religiosa, descortinando os momentos de resistência e as práticas de exclusão e violência que faziam parte do dia a dia dos grupos marginalizados.

Igual temática se faz presente no ensaio “Slam e o direito à cidade: notas a partir do Slam de Guilhermina e do Slam Resistência”.

O ensaio contextualiza o surgimento do movimento slam no Brasil, atrelando-o a um processo de afirmação identitária e de apropriação do espaço urbano. Tendo por base a noção lefebvriana de direito à cidade, Vima Lia de Rossi Martin e André Godoy relacionam as batalhas poéticas como um ato criativo que produz a cidade como um espaço de encontro entre diferenças na busca por uma sociedade mais inclusiva.

A relação entre memória e espaço público também se encontram em “A arte memorialística de Óscar Muñoz e Doris Salcedo: reescrita de narrativas outras em espaços públicos”, de Angela Guida e Miguel Angel Ariza Benavides. Nesse caso, a ênfase recai sobre o apagamento da memória das vítimas da violência na Colômbia. O ensaio discute a forma como as produções artísticas de Muñoz e Salcedo se apropriam do espaço público para estabelecer um jogo dialético de reflexões e evocações com o/a espectador/a.

Dois artigos em especial retomam a relação entre espaço público e a literatura brasileira. O ensaio “A mudança da esfera pública brasileira na *Teoria do medalhão*, de Machado de Assis” discute a forma como o pai de Janjão representa em sua fala a estrutura tradicional da esfera pública brasileira. Além de estabelecer um excelente diálogo com a fortuna crítica desta narrativa machadiana, Felipe Moralles e Moraes interliga o conto às mudanças políticas que atravessavam esse período, enfatizando o olhar crítico de Machado de Assis frente ao seu tempo.

Em “Espaço público e romance como textualidades coextensivas”, a noção de espaço público ganha novos contornos. Tendo como ponto de partida a noção de textualidade coextensiva, Igor Ximenes Graciano aborda o jogo que se estabelece entre o biográfico, o documental e o ficcional nos romances contemporâneos a partir da análise das obras de Silviano Santiago e Ricardo Lísias. O ensaio se reporta a um espaço de ambiguidade entre o real e o ficcional que aproxima o romance contemporâneo de uma performatividade própria da esfera digital.

Com “Duarte Galvão: feições poéticas de um ‘heterônimo guerreiro’”, a ênfase incide sobre a poesia moçambicana e sua relação com a herança colonial ontem e hoje. Como explica Luciana Brandão Leal, a presença, na poesia de Duarte Galvão, de guetos periféricos da cidade de Lourenço Marques e da região do cais de Moçambique procura não só “acompanhar o trânsito de pessoas comuns”, mas principalmente a forma como uma herança colonial ainda permanece nos dias atuais,

estabelecendo uma ligação corpórea entre a cidade e seus espaços e o eu lírico.

Outros ensaios se propõem repensar o nordeste sob os mais diferentes ângulos. Esse é o caso de “Nordeste descentralizado: sobre algumas figuras da poesia contemporânea”. O ensaio pretende analisar três poetas nordestinos contemporâneos e a forma como sua poesia funda um novo imaginário sobre o sertão. Tendo como ponto de partida o conceito de geofilosofia, elaborado por Gilles Deleuze e Félix Guattari, Carolina Anglada examina algumas das estratégias estéticas e linguísticas usadas pelos poetas para estabelecer uma relação alternativa entre a terra, o território e o homem.

Em “Por bares, museus e cemitérios: heterotopias da resistência em *Bacurau*”, Júnior Vilarino se volta para o processo de ressignificação em que as divisões entre as esferas privadas e públicas são abolidas, dando ensejo a novas formas de inclusão e visibilidade. O ensaio discute o modo como as figuras de Lunga, o guerrilheiro queer, e de Dominga, a matriarca “bruxa”, rompem com a “ordenação compulsória” de que fala Judith Butler.

Finalmente, “Naming Performativity on Twitter: Antiracist Feminist Counterpublics in Brazil” lança um olhar crítico sobre o espaço da mídia social. A partir do exame dos tuítes referenciando o nome de três feministas negras, o ensaio traça algumas das tensões em torno das noções de cidadania, pertencimento e democracia. Em seu estudo, Alejandra Josiowicz se remete a uma retórica de resistência que procura criar espaços públicos alternativos e de empoderamento em uma sociedade marcada por uma prática de intolerância frente ao que é diferente.

Como este breve resumo ilustra, as múltiplas abordagens teóricas que fundamentam os ensaios do presente volume reafirmam a possibilidade de inúmeros percursos nos estudos urbanos. O leitor poderá constatar, desde o resumo, ao se reportar a paradigmas críticos ainda pouco explorados, que os ensaios abrem espaços estimulantes para futuras investigações.

As organizadoras,
Graciela Inés Ravetti (*in memoriam*),
Kátia Bezerra e
Tereza Virgínia R. Barbosa

Referências

DE CERTEAU, Michel. *The Practice of Everyday Life*. Translated by Steven Rendall. Berkeley: University of California Press, 1984.

HARVEY, David. *The Limits to Capital*. London: Verso, 2007.

HOOKS, bell. *Belonging: A Culture of Place*. New York: Routledge, 2008. DOI: <https://doi.org/10.4324/9780203888018>.

LEFEBVRE, Henri. *The Production of Space*. Oxford; Cambridge: Blackwell Publishers, 1991.

MASSEY, Doreen. *Space, Place, and Gender*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1994.

PRIETO, Gustavo F. T.; LACZNSKI, Patrícia. São Paulo à venda: ultraneoliberalismo urbano, privatização e acumulação de capital (2017-2020). *Geoups-Espaço e Tempo*, [s. l.], v. 24, n. 2, 2020, p. 243-261. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geousp.2020.168529>. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/168529>. Acesso em: 21 maio 2021.

RAVETTI, Graciela. Adolfo Bioy Casares: *Dormir al sol*, a ficção biomédica como performance ética. *Fragmentos*, [s. l.], v. 23 n. 1, p. 160-178, 2016. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/view/2175-7992.2016v23n1p160> Acesso em: 07 nov. 2021.

RAVETTI, Graciela. Literatura latino-americana contemporânea: reflexões sobre paradigmas, convergências e legados. *Olho d'água*, [s. l.], v. 11, n. 1, 2019, p. 12-31. Disponível em: <http://www.olhodagua.ibilce.unesp.br/index.php/Olhodagua/article/view/562>. Acesso em: 21 maio 2021.

RAVETTI, Graciela. *Nem pedra na pedra, nem ar no ar*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

RAVETTI, Graciela; BORGES, Eulálio Marques. A Ríó Fugitivo de Edmundo Paz Soldán: uma cidade distópica. *Caligrama*, [s. l.], v. 25, n. 1, 2020, p. 135-150. DOI: <https://doi.org/10.17851/2238-3824.25.1.135-150>. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/caligrama/article/view/15923>. Acesso em: 21 maio 2021.

ROSE, Gillian. Family Photographs and Domestic Spacings: A Case Study. *Transactions of the Institute of British Geographers*, [s. l.], v. 28, n. 1, 2003, p. 5-18. DOI: <https://doi.org/10.1111/1475-5661.00074>. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3804564>. Acesso em 21 maio 2021.

VALENTINE, Gill. (Hetero)Sexing Space: Lesbian Perceptions and Experiences of Everyday Spaces. *International Journal of Urban and Regional Research*, [s. l.], v. 11, n. 4, 1993, p. 395-413. DOI: <https://doi.org/10.1068/d110395>.

ZUKIN, Sharon. *The Cultures of Cities*. Oxford: Blackwell, 1995.